

MARCOS CARNEIRO DE MENDONÇA

**DO ARRAIAL DA MEIA PATACA
À FAZENDA ITAMARATÍ**

Palestra realizada no Instituto
Histórico de Petrópolis a 5
de dezembro de 1959

RIO DE JANEIRO
1960

MARCOS CARNEIRO DE MENDONÇA

**DO ARRAIAL DA MEIA PATACA
À FAZENDA ITAMARATÍ**

Palestra realizada no Instituto
Histórico de Petrópolis a 5
de dezembro de 1959

RIO DE JANEIRO

1960

DO ARRAIAL DA MEIA PATACA À FAZENDA ITAMARATÍ

*Palestra realizada no Instituto Histórico de Petrópolis
a 5 de dezembro de 1959*

Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

Quando, depois da revolução de Minas de 1842, os Carneiro de Mendonça se despencaram do Paracatú e vieram parar na Fazenda da Saudade, de Mar de Espanha, talvez não pensassem que gastando sempre e não juntando nunca, fôsem, por fim, parar também alguns dêles no Arraial da Meia Pataca, onde passaram a viver fingindo de fazendeiros na Boa Esperança e na Cachoeira.

Foi na Boa Esperança que eu nasci e na Cachoeira que me criei, aonde estive até os primeiros dias do mês de janeiro de 1902. Isso quer dizer que até completar sete anos o meu mundo foi só a fazenda, com o que me conservei matuto até a alma.

Hoje a minha neta de quatro anos conhece muito mais da vida e do mundo do que eu com aquêles meus sete anos. A não ser, é certo, naquilo que diz respeito aos aspetos prosaicos da vida normal das fazendas.

RECORDAÇÕES

O que me lembro de lá? Tínhamos ao lado da casa uma cahoeira, que quando viemos para o Rio de Janeiro me fêz falta nas primeiras noites passadas no nosso casarão do Rio Comprido.

Lembro-me do Zeca Ferreira e de alguns sitiantes nossos vizinhos; lembro-me dos empregados da casa; da Juliana, da Balbina, da Maria baiana, que nos contava histórias intermináveis; do Melo, filho da Balbina, moleque prestativo e despachado que chegou a se entender em francês com a minha avó materna, e que praticava escrita com o dedo da mão direita, nos areais que se formavam na estrada, depois das noites enchuvaradas.

Lembro-me do Dâmaso, que com os seus sete anos era o pagem proferido do meu tio Carlos, que mais tarde, já no Rio de Janeiro,

foi o primeiro auxiliar do Dr. Oswaldo Cruz na campanha vitoriosa contra a febre amarela. O Dâmaso era menino tão forte e tão cheio de qualidades, que quando aquêlê meu tio doutor, para nos experimentar, pegava em sua pequena máquina de pilhas e com a escovinha tocava os nossos lábios para ver quem mais resistia sem rir ou sem dela se afastar, o Dâmaso era sempre, de todos nós, o que mais resistia, mantendo-se imperturbável. Um belo dia apareceu na porta da fazenda todo ensanguentado e com a mão pregada no cocoruto da cabeça: — “Seu doutô, o cavalo me deu um coice.” Quase tôda a parte superior do couro cabeludo do nosso Dâmaso tinha virado para o lado da testa e êle, sem piar, agüentou todos os pontos que o hábil cirurgião lhe deu prontamente, com o que, em pouco tempo, ficou inteiramente curado.

Lembro-me de um tio belga, chegado do Congo, que em uma bela manhã, vendo a Jóia e a Medalha brigarem, pegou num pau e se dispôs a separar as duas vacas. Mas a Medalha, mais antílope do que zebú, abriu mão da Jóia e partiu para o apaziguador. Bem em frente da fazenda, havia um grande gramado que podia ser hoje um pequeno campo de futebol. O caso é que o que se viu foi um pau a voar e o nosso homem sair desflechado na direção da porta em que estávamos, e como dela não nos arredássemos, só o víamos berrar: — “Sái da porrta!... Sái da porrta...” e afinal entrar como um furacão pela casa a dentro. O ridículo estava no fato da Medalha ter apenas ameaçado atacá-lo, e de ter logo parado, coisa pela qual não dera, por isso só corria e berrava: “Sái da porrta... sái da porrta!...”

Lembro-me que uma bela manhã um bando de monos, grudados uns aos outros pela cauda, presos ao galho de uma árvore de um dos lados do ribeirão, em balanço ritmado atravessaram-no, pegando o último dêles o galho da outra árvore que lhe ficava em frente.

Lembro-me do cometa de Halley que vimos umas duas ou três vêzes, subindo a família para isso a estrada que passava pela fazenda, até chegarmos do outro lado do morro que ficava à direita da nossa casa: que beleza!

Lembro-me perfeitamente do vestido vermelho com que fui ao nosso batizado coletivo na capela do coronel Araújo Pôrto, quando o Henrique teve de se batizar primeiro para poder ser padrinho do Fábio; e tenho vaga idéia do fato de eu ter sido apanhado já na estrada, fugindo, quando vi que no batismo se punha sal na bôca da gente.

Lembro-me ainda de uma onça que andou por lá e de certa feita quando vínhamos os quatro irmãos a pé, da Boa Esperança para a Cachoeira, que seria mais ou menos meia légua de distância, o mais velho de nós, sentindo que bem longe, caminhando na mesma direção, vinham três mulatas às gargalhadas, resolveu pregar-lhes um susto. Escodêmo-nos no mato do capoeirão que havia à beira da estrada, e ali ficamos à espreita. Por mal dos pecados, bem em frente do ponto em que ficámos, havia um mamoeiro carregado.

Vendo-os uma delas resolveu subir para tirá-los, e quando já estava lá no alto a onça entrou com o seu jôgo: minháu!!!... E a mulata abriu os braços e despencou lá de cima, e as três só pararam de correr na casa do Agostinho, sempre seguidas pela onça que as ameaçava.

De outra vez foi o Conrado que, ainda môço e já meio estourado, apareceu lá pela fazenda. Refiro-me ao meu saudoso amigo Conrado Mutzenbecher. Gostou tanto do brinquedo de laçar touros e vacas, que indo para o pasto com o Nominato, o laçou e o deixou amarrado em uma árvore à beira da estrada. E lá ficou êle, berrendo e o Conrado às gargalhadas voltou para a fazenda, gozando a peça que lhe pregara.

O CONTO DO VIGÁRIO

O meu mundo da fazenda da Cachoeira, no Arraial da Meia Pataca acabou, como disse, no princípio do ano de 1902. Antes de deixá-lo indagamos, o Fábio e eu, do Henrique, como era o trem de ferro. E a resposta veio pronta: é assim como um carro de boi que anda muito depressa, bufando e badalando. É claro que com essa explicação, na madrugada do mês de janeiro, quando a locomotiva apareceu, ainda escuro, efetivamente bufando e badalando, a nossa posição íntima não era lá muito boa. Houve resistência para entrarmos no trem e só quando o bicho partiu, deslizando nos trilhos, foi que sentimos o conto do vigário em que havíamos caído.

Baldeamos em Pôrto Novo, e chegamos à velha estação da Central no mesmo dia, já à noite. Parecia-nos tudo um deslumbramento, o ladrilho inglês do chão da estação, maravilhoso; e quando vínhamos no carro, olhando para um e outro lado, a caminho do Rio Comprido, apreciando tudo, eu e o Fábio sentados juntos, só falávamos pelos cotovelos; mas, por fim, veio o meu desabafo: — Oh! papai, que boas estradas, hein? não têm atoleiro!

IMPRESSÕES DO CAIPIRA

Quando chegamos em casa e o velho, então ainda môço, riscou um fósforo, botou-o lá em cima e acendeu a luz cá em baixo, eu achei aquilo esquisitíssimo, muito diferente dos nossos lampiões, cuja mecha só acendia tocada pela chama do fósforo.

Para acabar com essas minhas impressões de caipira, filho de fazendeiro habituado a sentir em tôrno de si aquela espécie de carinho e de consideração que lhe vinham de parte de todos que o cercavam, lembro-me que no dia seguinte da nossa chegada, fui ficar *na beira da estrada*, com licença do meu pai e, ao contrário do que se passava na fazenda, ninguém me cumprimentava. Ninguém falava comigo, nem mesmo os moleques que passavam; e por mal dos pecados, assim que eu subi para a borda do muro que sustentava o gradil de nossa casa, ainda hoje existente, lá da rua do Bispo,

fui inopinadamente assaltado por um moleção que segurando uma das minhas pernas, berrou: "Ô pata!" — referindo-se à sapatranca de couro cru que eu calçava.

CONTATO COM PETRÓPOLIS

Não demorou muito que a febre amarela nos assaltasse.

Helena, minha prima de dez anos, lá se foi com três dias de vômitos negros, e eu quase a acompanhei. Minha avó materna, também morreu. Depois da febre veio-me, não sei porque, gravíssima infecção; quase um mês de baixíssima temperatura, arritmia no coração, saúde precaríssima, e aos onze anos, dois litros de líquido na pleura. Daí o meu contato com esta Petrópolis. Aqui estive durante três meses em uma das casas da rua Marechal Floriano, ocupada pela família do grande médico que me salvara: Professor Pedro de Almeida Magalhães.

Mudara muito a minha posição em matéria de curiosidade pessoal, sobre as coisas que me cercavam? Não creio. De minha passagem por esta magnífica terra, são poucas as minhas lembranças de certa significação. Lembro-me que eram nossos visinhos uns meninos Lacombe, sendo que de um dêles fiquei sempre amigo: o hoje competentíssimo engenheiro Carlos Lacombe. Lembro-me de que os meninos da vizinhança se divertiam, com certa freqüência, em atirar pedras nas janelas de vidro dum grande chalet, mais ou menos abandonado, que ficava em frente da nossa casa, um pouco ao alto. Lembro-me que eu e os meninos da redondeza tínhamos aranhas dessas grandes e de pernas compridas, meio rajadas, que punhamos a brigar, levando-as de uma teia para outra. Lembro-me também de um passeio que fiz com os Lacombe a pé, da nossa casa até a Cascatinha, ida e volta. Lembro-me ainda de ter comido muito pinhão cozido, tirado dos lindos pinheiros que existiam na avenida 15 de novembro. Quem deu cabo dêles? Por fim, lembro-me que quem para aqui me trouxe, vindo de barca até o pôrto de Magé e depois de caminho de ferro até cá em cima, foi o Dr. Antonino Fialho, velho amigo nosso, sempre entusiasmado pelas coisas que produzia em sua fazenda, especialmente pelas alcachofras que nos levava com certa freqüência; fazenda que mais tarde soube ser a que passou à propriedade do meu saudoso e querido amigo Argemiro Machado, situada no caminho de Teresópolis.

A êsse tempo, mal sabia eu que uma boa parte desta linda Petrópolis havia pertencido à minha família, como proprietária da Fazenda do Itamarati, cuja planta, em seu original, se encontra nos arquivos da Companhia Territorial que tem por chefe a ilustre pessoa de Sua Alteza Imperial, o Príncipe D. Pedro de Orleans e Bragança. Devo o conhecimento, não só dessa magnífica planta, como de outras mais, e dos documentos referentes à mesma, à nímia gentileza do meu prezado e distinto amigo, dr. Guilherme Auler, a quem

aqui deixo expressada a minha gratidão pelo que me propiciou conhecer em relação ao assunto.

COMÊÇO DA ESTRADA DE MINAS

Por ela se constata que a estrada de Minas que começava no Pôrto da Estrêla, citado por quase todos os naturalistas que nos visitaram no século XIX, passava pela porta da Fazenda Itamarati, onde nasceram três dos meus tios. Pela planta se vê que a estrada pegava as terras da fazenda no alto Quissamã, aonde existia um marco, depois de já ter passado pela rua dos Mineiros e de ter atravessado a ponte do rio Palatino, onde também pela planta do engenheiro José Luís de Azeredo Coutinho, feita em 1850, se verifica que ali existiam as ruas do Paulo Barbosa e a do Honório, designações que mostram a sua origem.

Do alto do Quissamã, passava-se, como ainda hoje, ao Quissamã propriamente dito. Daí seguia-se pela Estrada Geral até o rio Itamarati, quando uma vez transposto, estava-se à porta da casa da fazenda em que nasceram aquêles meus três tios, isto é, Didi, nora do Abaeté, tia Laura, sogra do Prof. Miguel Pereira e tio Joaquim que, mais tarde, foi Cônsul Geral do Brasil em Londres.

TRAGADO PELO VESÚVIO

Dêle tenho êste retrato tirado em Paris na companhia dos seus muito ilustres amigos, o Príncipe D. Luís, que está ao centro e Silva Jardim, que com êle viajou logo depois para a Itália e onde morreu trágicamente, tragado pelo Vesúvio. Quando ali estavam, êle e tio Joaquim, o guia Domênico advertiu-os que dali por diante era perigoso seguir. Silva Jardim, mais afoito, caminhou um tanto mais, seguido a certa distância pelo amigo, dando-se então o irreparável: a terra tremeu e lá se foi o nosso grande republicano tragado pelo vulcão, colhido pela abertura de uma fenda sob os seus pés. Levou as mãos à cabeça e sumiu para sempre.

Tio Joaquim, que estava um pouco mais para trás, tomou uma rasteira, mas teve mais sorte, porque a fenda em que caiu só deu para chamuscá-lo, para estorricar a flor que levava à lapela, e ainda crestar documentos que tinha no bolso.

Auxiliado pelo guia, saiu de onde estava e despencou-se pelo morro abaixo em corrida desenfreada. Só voltou para o seu pôsto de Londres depois de ter deixado bem esclarecida a Polícia de Nápoles sôbre o que ocorrera com o seu querido amigo e grande brasileiro Silva Jardim.

Falou-se em suicídio, aqui no Brasil, talvez mesmo em crime, mas a verdade do que se passou foi a que acabei de relatar.

CONCLUSÕES HISTÓRICAS

Da sede da fazenda, onde é hoje a Fábrica de Papel Itamarati, continuava a Estrada Geral, sempre por dentro da mesma, até entrar na Fazenda da Sambambaia — hoje Samambaia — então pertencente ao cônego Luís Gonçalves Dias Correia, onde se dava o entroncamento do caminho do Retiro, com a Estrada Geral, já então marginando o rio Piabanha.

Da já referida sede da Fazenda, aonde ia ter o chamado Caminho da Cascata, seguia a Estrada Geral, até alcançar a Sambambaia. Assim, do exposto, podemos seguir vários rumos e tirar outras tantas conclusões. A primeira delas é que pelo fato da Sambambaia ter pertencido ao cônego Correia, e de haver nas redondezas outros Correia, também fazendeiros é que ainda hoje existe na Estrada União e Indústria a localidade Correias.

Em segundo lugar, podemos de certo modo concluir que se não fôsem os Carneiro de Mendonça mineiros e chegados à Família Imperial, talvez hoje os moradores de grande parte desta Petrópolis não estariam a pagar laudêmios e outras coisas mais à Companhia de que é chefe o Sr. Príncipe D. Pedro de Orleans e Bragança, já que foi por terem raízes em Minas, que os dois irmãos Eduardo e Joaquim Carneiro de Mendonça chegaram a adquirir em leilão público da cidade de Barbacena a Fazenda do Itamarati, a qual vieram mais tarde a ceder, por venda, nas eras de 1850 e 55, à já referida Família Imperial.

Por ser curioso repito-vos o pregão final da sua arrematação em Barbacena pelos Carneiro de Mendonça: “e não havendo quem mais desse, de que será fé, determinou o Juiz ao Porteiro — que continuasse o pregão, dizendo: afronta faço porque mais não acho, se mais achara mais tomara, dou-lhe uma, dou-lhe duas, dou-lhe três e chegando-se à pessoa do lançador Eduardo Carneiro de Mendonça entregou-lhe um ramo verde e lhe disse que fizesse muito bom proveito, etc.”

Guardamos dêsse tempo algumas reminiscências. Há lembrança de por mais de uma vez S. Majestade a Imperatriz ter se utilizado da cadeirinha de D. Josefa, que figura no Museu Histórico do Rio de Janeiro, como sendo da Viscondessa de Abaeté, sua filha, porque os escravos que a serviam tinham o passo certo e ritmado, predicado essencial aos veículos dessa natureza.

NÃO ERA DE BRINCADEIRAS

Há também a lembrança de, por vêzes, S. Majestade a Imperatriz em seus passeios matinais, tocar com o bastão à janela de D. Josefa e de assim manifestar o desejo de tê-la para sua eventual dama de companhia.

Note-se que a Senhora Dona Josefa não era lá muito de mesuras, nem de brincadeiras, tanto assim que quando o jovem Ouvidor

de Paracatú, Antônio Paulino Limpo de Abreu quis-lhe a filha para casar, sendo maçom, só conseguiu o seu intento depois que, em prolongada pendenga resolveu prostrar-se ante o altar e em voz alta declarar: "Tenho pecado por pensamento, palavras, obras e omissões. Estou arrependido de meus pecados e espero receber o perdão de Deus." E casou. Fato êste colhido em boa fonte e contado pelo seu bisneto Bruno de Almeida Magalhães, em artigo publicado no "Correio da Manhã" do dia 14 de junho de 1942.

Aqui em Petrópolis, segundo Guilherme Auler, a casa dos Carneiro de Mendonça ficava situada onde é hoje o cinema que se encontra na avenida 15 de Novembro, à esquerda, logo à estrada da cidade.

Começando de Ouvidor no Paracatú, passara Limpo de Abreu a Desembargador Ordinário da Relação da Bahia, com 30 anos; tendo sido já antes Ministro Adjunto do Conselho Supremo Militar e de Justiça, nomeado pela Carta Imperial de 14 de maio de 1846; sendo que antes disso, já exercera a alta e espinhosa função de Presidente da Província de Minas Gerais e de ter sido reiteradamente eleito Deputado pela mesma Província e por fim escolhido por S. Majestade o Imperador D. Pedro II, Senador, a partir do ano de 1847.

PROTESTOU JUNTO À INGLATERRA

Não cabe nesta minha palestra de hoje, estender-me abusivamente sôbre os indiscutíveis predicados morais e intelectuais do grande homem público do Império que foi o Senador Antônio Paulino Limpo de Abreu, galardoado pela Carta Régia de 17 de outubro de 1855 com o título de Visconde de Abaeté; a êsse tempo já o nosso parente, como Ministro dos Estrangeiros, havia brilhado com a apresentação das suas duas impecáveis notas de protesto apresentadas a 2 de julho e a 22 de outubro do ano de 1845, ao Embaixador Hamilton Hamilton da Grã-Bretanha, contra a expedição do famoso Bill Aberdeen, pelo qual os ingleses se arrogavam o direito de sem mais aquela, aprisionarem as embarcações brasileiras tidas por êles como suspeitas do tráfico de escravos, e de levá-las para a ilha de Santa Helena, onde as suas respectivas guarnições eram julgadas por um tribunal inglês; isso quando não preferiam simplesmente afundá-las, sob o pretexto de resistência. O atrevimento com que agiam nessa ocasião, levou-os muitas vêzes a perseguir e mesmo a aprisionar barcos brasileiros dentro das águas territoriais do Império, ofendendo assim, gravemente, a nossa soberania.

Fêz notar o ilustre internacionalista Pereira Pinto que a última nota de protesto de Abaeté contra os abusos acima referidos, foi de tal ordem que levou os ingleses a silenciarem a respeito, dada a força e a lógica dos seus argumentos contra o abusivamente disposto no já referido Bill Aberdeen.

O IMPÉRIO E A GUERRA CISPLATINA

Note-se, que isso se dava justamente quando o representante do ditador Rosas, no Rio de Janeiro, General Tomás Guido e o seu êmulo Santiago Vasques, do Uruguai, desde o ano anterior andavam atropelando os homens do Império com notas e mais notas sôbre os sangrentos conflitos que vinham se dando entre brasileiros do sul e orientais da antiga província cisplatina, não só ao longo das nossas fronteiras como dentro do próprio território do Uruguai, onde, como se sabe, havia inúmeros estancieiros nascidos no Brasil, que ali viviam à mercê dos atos de truculência que sôbre êles pesavam constantemente, não só causando-lhes danos morais e materiais, como muitas vêzes sacrificando-lhes a vida.

Tenho de mim para mim que quando o novo ministro dos Estrangeiros do Império, Limpo de Abreu, tomou a si a responsabilidade de responder às dez importantíssimas notas do General Guido, que vinham de 7 de outubro de 1844 até 17 de maio de 1845, dirigidas ao Ministro que o antecederá, e o fêz pelas notas 9 e 11 constantes do relatório Cairú de 1846, a primeira datada de 26 de junho e a segunda de 17 de julho do mesmo ano de 1845; sem mêdo de errar, me permito achar que essas duas notas devem ser consideradas como as do verdadeiro início da reação oficial do Império contra Rosas e contra as suas impertinentes intromissões em assuntos da política sul americana, que não lhe diziam respeito.

A nota 9, definindo atitudes, e a 11 esboçando a reação.

GANHARAM EXPERIÊNCIA NA PRÁTICA

Durante dez anos tivemos entre nós o homem mais capaz que aquêlê poderoso ditador poderia ter encontrado para advogar os seus planos de ação política e militar, visando a restauração do antigo vice-reinado do rio da Prata, com a conseqüente absorção pela Argentina dos dois países já independentes, Uruguai e Paraguai; isto é, o General Tomás Guido.

Foi graças especialmente ao plano ousado de Rosas, e à bravura e indiscutível capacidade com que nesse sentido agia entre nós o seu dedicado representante, que os nossos diplomatas do Prata e os homens do Brasil, responsáveis pela condução da nossa política naquela região, foram aos poucos ganhando a necessária experiência que os havia de levar e assim ao Império à posição de raro prestígio que passou a desfrutar, desde quando, entre êsses homens, fâmos, enfim, poder contar com as figuras excepcionais do Visconde de Abaeté, de Honório Hermeto Carneiro Leão — Marquês do Paraná — e com a de Paulino José Soares de Sousa — Visconde do Uruguai; com as dos seus discípulos diletos, José Antônio Pimenta Bueno — Marquês de São Vicente; José Marques Lisboa, Duarte da Ponte Ribeiro, com a do próprio Barão de Cairú e ainda com as de Silva Paranhos, futuro Visconde do Rio Branco, e Rodrigo da Silva Pon-

tes, que além de tudo teve a feliz idéia e o bom gosto de reunir preciosa cartografia sobre as nossas regiões fronteiriças.

PRATICOU DESMANDOS

Devo confessar que, conquanto a êsse tempo fôsem os nossos adversários homens da maior experiência no campo político em que agiam, entre os quais, até certo ponto, temos o dever de incluir d. Andrés Lamas, considero-os bem mais felizes do que os que mais tarde foram obrigados, como o Ministro Manuel Francisco Corrêa, a trocar notas, avisos e memoriais com d. Carlos Tejedor, em má hora para aqui mandado, já que a meu ver foi êle a ovelha negra da representação diplomática sul americana entre nós.

Tantos e tais foram os desmandos e grosserias por êle cometidos no decorrer da sua ação como diplomata improvisado, que para ser evitado o conflito extremo que na ocasião se esboçava, foi preciso que nos mandassem do Rio da Prata, em missão especial, a grande e magnífica figura do general Bartolomeu Mitre.

Como estou a falar em um ambiente e para um público que nos lembra por tôdas as razões as altas tradições de educação e cultura do Império, não é muito que eu diga, com tôda a segurança, que o mal da grosseria e má educação reiteradamente manifestadas por aquêle diplomata no decorrer da sua gestão entre nós, lhe vinha, sem dúvida, do berço, já que, segundo El Capitán José Maria Guerra, História Militar, pág. 63, era êle filho de um dos carcereiros de confiança do ditador Rosas, Antônio Tejedor, ali então conhecido por "La Gran Bestia".

Foi por fazer parte do Clube dos Cinco, contrário a Rosas, com Henrique La Fuente, Jacinto Rodrigues Peña, Santiago Rufino Albarracín e Rafael Jorge Corvalán, ligados ao General Lavalle, no primeiro movimento libertador de 1839/40, que para aqui veio ou foi mandado Tejedor, com o fim especial de negar ao Império o direito que se arrogara de, por vastas e procedentes razões, assinar com o Paraguai a paz que assinou em separado.

COMO SERIA A VIDA FAMILIAR

Agora pergunto, como seria a vida da minha gente naqueles remotos anos da era de 50, em que a fazenda Itamarati foi comprada e vendida, e quando o Brasil Império, mal saído de suas intrincadas revoluções, era levado a se preparar para dar cabo das atrevidas veleidades do seu grande inimigo d. Juan Manuel de Rosas e das não menos atrevidas ações dos nossos preclaros amigos da Grã-Bretanha?

Tenho ali, à disposição dos interessados, a fotografia da minha gente, tomada no ano de 1840, quando foi da coroação de S. Majestade o Imperador, Senhor d. Pedro II. Nela figuram os meus bisavós, João José e D. Josefa — D. Josefa Batista Franco Sá e Bene-

vides Carneiro de Mendonça — os seus dois filhos Eduardo e Joaquim — este, meu avô, e a filha, Ana Luísa, sentada ao lado do marido, Antônio Paulino Limpo de Abreu, depois Visconde de Abaeté.

Pela feliz apresentação dos seus componentes, o nosso querido e saudoso amigo Afonso de Tounay, considerava esse conjunto fotográfico como o icone mais interessante e expressivo de quantos ele conhecia da primeira metade do século XIX, no Brasil.

Dona Josefa foi praticamente cabeça da revolução liberal mineira de 1842, no setor de Paracatú, razão porque, depois de ser esta dominada, esteve presa e acorrentada no Araxá, por suas culpas e para dizer aonde estavam os seus filhos, que haviam tido ação proeminente naquele setor da mesma.

CABEÇA A PRÊMIO

O meu avô Joaquim Carneiro, esteve com a cabeça a prêmio, e em certa ocasião, a mula que montava tomou uma chumbada no pescoço; só depois que conseguiu fugir dos seus perseguidores é que constatou a bravura com que ela se portara e lhe fôra fiel. Andou então bastante tempo escondido no velho arraial do Desemboque, de onde, ao que parece, muitos anos antes, saíram os de nossa gente para descobrir as águas do Araxá.

Quanto a Antônio Paulino Limpo de Abreu, já amplamente conhecido desta ilustre assembléia, que se casou no Paracatú com a jovem Ana Luísa, mineira de olhos azuis, foi aquêle que mais tarde sendo Visconde de Abaeté, não quis ser Marquês porque “já estou muito velho para mudar de nome”; mas que quando morreu, no Rio de Janeiro, S. Majestade o Imperador ordenou fôsse enterrado com honras de Príncipe.

Quando o futuro Visconde de Abaeté se casou no Paracatú era tradição da família — e assim foi até ao tempo da Fazenda da Saudade, de Mar de Espanha, onde nasceu meu pai — que de fora das nossas fazendas, só praticamente nos vinham o sal e o ferro, porque no mais tudo ali se fazia, inclusive os tecidos das roupas que usavam e as botinas que calçavam. Isto se confirma em páginas do livro escrito pelo mais mogo dos irmãos, Melchior, que não figura na fotografia de 1840, e que foi Cônsul Geral do Brasil em Montevidéu durante todo o longo período da nossa guerra contra o ditador do Paraguai, e antecedeu a Rio Branco no Consulado Geral de Liverpool.

A. B. C.

O Peregrino da América, em seu famoso livro, sem lhe citar a origem, transcreve um A. B. C., que segundo velha tradição tem a sua autoria na nossa família, com o tempo atribuído ao meu bisavô, Tenente-Coronel João José Carneiro de Mendonça, cuja lápide pode ser encontrada no Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro.

Por ser curioso, e para conhecimento dos presentes, passo a lê-lo, sendo as suas quadras de conceito moral e filosófico indiscutível, mas nem sempre de métrica impecável.

A.

Amor de Deus seja o estudo
De vossa maior lição,
Propõe no coração
Amar a Deus sobre tudo

B.

Bom homem, bom cidadão,
Vos faça o procedimento,
Sendo todo o vosso intento
Fazer por ser bom cristão.

C.

Cortês, tirai com proveito
O chapéu a aviso humano,
Mas sobre tudo cada ano,
Comprai agrado e respeito.

D.

Dar é tributo do nobre,
Pois ser avaro, baixeza;
Dai ao maior por grandeza
E por caridade ao pobre.

E.

Espelho seja o conselho
Do sábio, e a êle atento
Componde o procedimento
Pelo lume dêsse espelho.

F.

Fiel a Deus e ao rei dado
É conselho que vos dou;
A Deus porque vos criou
Ao rei de quem sois criado.

G.

Graça, aqui entre nós
A que natural sair,
Porquanto é mau fazer rir
Podendo-se rir de vós.

H.

Honra é jóia sem igual,
A tudo o mais preferida.
Pela honra se arrisca a vida
A honra é vida imortal.

I.

Ira, vos fique de aviso,
Não vos domine a razão;
Onde governa a paixão
Não obra livre o juízo.

L.

Livros, não fechados, lidos;
Para isso é que se têm;
Livros que se não lêem
São tesouros escondidos.

M.

Mentir, na realidade
Leva dos vícios ao cabo;
O pai da mentira é o diabo
E Deus da suma verdade.

N.

Notícia má, novidade
Nunca transmitais à tóa;
Sem certeza, nem a boa
Convém dar publicidade.

O.

Olhai em tudo o que obrais
A certo fim que tereis,
Pois logo atrás tornareis
Se adiante não olhais.

P.

Pecar é grande delito,
Mas se pecas, filho querido,
Imita a Pedro arrependido,
Imita a Pedro contrito.

Q.

Quem sois... É simples vaidade
Que trazeis no pensamento;
O melhor procedimento;
É a melhor qualidade.

R.

Razão em tôda sação
Vos assegura de ultraje,
Armas levais de vantaje,
Se vos armais de razão.

S.

Soldado sendo, servi.
Aos perigos não corrais,
Mas ao dever não fujais,
à ociosidade fugi.

T.

Terra melhor é a côrte,
Tudo melhor está nela,
Mas viver nesta ou naquela
Tudo é pátria, tudo é sorte.

V.

Viver, mas sempre ajustado
Conforme a renda a despesa;
Gastar de menos é baixeza,
Gastar demais é pecado.

X.

Xadrez, qualquer jôgo, ofício
Não é, mas simples parte:
Saber jogar é uma arte
Mas nunca o façais por vício.

Z.

Zêlo convém que tenhais
Pela fé, por ser honrado;
Mas por zêlo exagerado
Sem razão, não ofendais.

Que a região do Paracatú era de alta tradição cultural, é um fato. Ali viviam os Roquette, do Edgar Roquette Pinto; os Fróes, do Leopoldo Fróes; os Melo Franco, os Rezende Costa e os Adjuto, do Alonso Adjuto, grande helenista, que em concurso memorável veio a ser no Rio de Janeiro, professor catedrático de grego do Colégio Pedro II. Todos parentes, e muitos outros mais que em seu conjunto mantinham naquela zona a alta tradição que já levava o nosso patriarca José Bonifácio a indicar a cidade de Paracatú para capital do Brasil, tendo além disso, em conta a sua situação geográfica.

Pôsto em tal ambiente de cultura geral e clássica, foi fácil ao jovem Ouvidor Antônio Paulino Limpo de Abreu impressionar-se por aquela que recebeu como espôsa e de, com êsse casamento, ser levado a deitar raízes profundas no setor político e social de Minas, tendo pessoalmente a servi-lo, como base fundamental, as suas primorosas qualidades de homem público, de boa cultura jurídica, servida por brilhantíssima inteligência.

Quando em 1842, conta-se, que por ser nascido em Portugal não queria se meter na revolução da qual quase tôda a sua nova família era parte, e por essa razão a sogra ter-lhe-ia cochichado ao ouvido: — “Já estou meio arrependida de ter consentido nesse casamento”. Com o que, êle, bumba! meteu-se na mesma e o resultado foi que depois dela foi parar em Portugal, aonde esteve hospedado na casa do primo Agostinho, isto é na de um Loulé.

Não seria portanto a tôa que os daquela época, referindo-se a Dona Josefa, para mexerem com os representantes do sexo forte da família, apontando-lhe o retrato, declaravam: — “O maior homem da família!”

Assim, quando os meus queridos amigos Henrique Carneiro Leão Teixeira Filho e Antônio José Soares de Sousa encherem o peito e nos lembrarem por escrito ou verbalmente os gloriosos feitos dos seus muito ilustres antepassados, penso poder também estufar o meu e com a devida modéstia, apresentar-lhes, por minha vez, os trunfos de que disponho, para isso.

Só o que na defesa dos interesses políticos do Império e na da conservação da independência do Uruguai e do Paraguai, Abaeté, Paraná e Uruguai fizeram, bastava para os glorificar integralmente e para merecerem a consagração pública do bronze, destinado a marcar, de forma perene e inesquecível, o reconhecimento de quanto valem nos homens a cultura e os seus grandes talentos, quando postos a serviço do seu próprio país e dos povos que lhe são visinhos.

Se fôssemos assim entrar nesta nossa tertúlia de hoje por êsse caminho, Senhor Presidente Henrique Carneiro Leão Teixeira Filho, ainda ao amanhecer do ano de 1960 aqui estaríamos a conversar; mas, como isso não é de nossa intenção, aqui fico.

NÃO TRABALHARIAM ESCRAVOS

Sabemos que os irmãos Eduardo e Joaquim Carneiro de Mendonça, em feliz momento de sua vida arremataram em leilão público da cidade de Barbacena a preciosa Fazenda Itamarati, e sei que ali mais adiante, na Estrada União e Indústria, indo-se para Juiz de Fora já havia a Fazenda da Posse — a Posse dos Carneiro — hoje tôda desmembrada — razão porque os dois mesmos irmãos tiveram a seu cargo a construção de parte da mesma estrada.

Como lembrança da Posse, posso me referir a três casos assás interessantes. O primeiro dêles me foi relatado pelo Professor Chandler, da Universidade de Harvard, que aqui estêve fazendo pesquisas sôbre pontos da nossa história, e que um belo dia foi me visitar com o fim especial de levar-me cópia de um documento que encontrara e que achava de sumo interesse: eram os Carneiro de Mendonça, Eduardo e Joaquim, arrendando a Fazenda da Posse, com a condição de nela não trabalharem braços escravos.

De outra feita, o Dr. João Raimundo Duarte, que eu já conheci idoso, contou-me que vindo êle menino de Ouro Preto, recomendado a meu avô, quando, depois de alguns dias de ali estar esperava a diligência para vir para o Rio de Janeiro, via Petrópolis, dirigindo-se ao copeiro da casa, perguntara-lhe: — “A diligência vem mesmo na hora certa?” — “Sim sinhô: *indefectivelmente*.”

A terceira coisa a contar sôbre a Posse é que a êsse tempo o meu pai, ainda menino teve de se desfazer de um ótimo papagaio falador, porque vovô Carneiro, quando queria fumar, gritava para a copa: — “Epifanio, traz fogo!...” e o fogo lhe vinha de pronto, em

braza, trazida na colher ou em um brazeiro, e isso tornou-se com o tempo um inferno, porque o Epifanio volta e meia comparecia com a braza pedida para o avô, pelo papagaio.

Dêsse modo, fica dito e aqui sabido, que os Carneiro de Mendonça do meu ramo, dividiam o seu tempo morando na Posse, não sei se ainda no Itamarati, aqui em Petrópolis, na avenida 15, e no Rio de Janeiro, em seu casarão da rua Alice.

REMEMORANDO

Com a chegada da notícia da Lei de 13 de maio da libertação dos escravos, o João Grande e os seus amigos e parentes das fazendas da vizinhança, lá se foram para o arraial.

Com as minguiadas economias que amealhara, comprou logo um par de botinas de couro cru, duras que nem pau. Com elas andou pra lá e pra cá o dia inteiro, sofrendo o diabo, porque o pé era maior e andara sempre à solta. Por fim, veio a noite, e o João voltou para a fazenda do nosso visinho, mais morto do que vivo, pisando em ovos, como se diz. Ali, ao chegar, foi direito para o quarto, sentou-se ao catre, e com todo o cuidado que lhe foi possível, aliviando-se da primeira foi à segunda botina, e quando, por fim, conseguiu desvenear-se das tremendas ferraduras, do íntimo do seu coração e do seu pensamento, surgiu-lhe a grande sentença:

— Ah!!... branco também sofre!!...

DESAPARECEU O FUNIM

Dos antigos escravos da família, só conheci no Rio o Funim, isto é, o Antonino. Homem esplêndido e prestativo, que por íntimo da família sabia muito bem que quando nela se queria, em última análise, fazer o elogio de um outro alguém, rematava esse elogio com o mesmo chavão: — Boa família!

Certo dia, já nós todos morando no Rio, Didi, isto é, a minha tia Cristina Limpo de Abreu, nora do Visconde de Abaeté, precisando do Funim para uma limpeza geral na casa, ao procurá-lo não o encontrou. Sumira. Dez dias depois, apareceu êle.

— “Pois então, Antonino, quando mais eu precisava de você, você some?” — “Pois é, senhora dona Cristina, andei lá pelo Catete trabalhando na casa da senhora Dona Suzana.” Aí, meu tio Joaquim, vislumbrando um “potin” do Antonino, chegou a sua cadeira para mais perto e indagou: — “Como é, Antonino, aonde você andou?” — “Na casa da senhora dona Suzana, ali no Catete, esquina da rua de Santo Amaro, sim sinhô.” (Tratava-se da pensão alegre mais chique da cidade). — “Pois é, sim sinhô, tive lá oito dias, fazendo a limpeza da casa e as *moça* tôda me tratavam muito bem.” — Era, como dissemos a pensão mais chique da cidade, da famosíssima Suzane Casteras, e com isso, o nosso Antonino, seguindo a velha tradição da família que o criara, arrematou a conversa com tôda a ênfase e com tôda a candura d’alma: — “Boa família!”